

A GEOGRAFIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: ESTUDO DE CASO EM UMA ESCOLA ESTADUAL DE CATALÃO - GO

Antonio Santiago da Silva

asantiagoge@ yahoo.com.br

Bacharel e licenciado em Geografia - UFG, Campus Catalão - GO

José Vieira Neto

jovineto@hotmail.com

Professor Doutor - Departamento de Geografia - UFG, Campus Catalão - GO

RESUMO

Este artigo trata-se de uma pesquisa empírica realizada durante do Estágio Curricular Supervisionado, na disciplina de Didática e Prática do Ensino de Geografia, que buscou elucidar os motivos levaram os educandos a pararem e retornarem seus estudos. Busca ainda, ressaltar a importância dos conceitos e teorias da Geografia como suporte a uma visão de mundo emancipadora na Educação de Jovens e Adultos - EJA, bem como, mostrar a forma como os estudantes chegam à escola e a compreensão que trazem sobre a disciplina, bem como as práticas nesta modalidade de ensino, observando se esta condiz com as reais aspirações destes alunos. Os resultados apontam que do total, 20% dos estudantes estão satisfeitos com a aula que recebem, em contrapartida 36% afirmaram que querem aulas práticas/campo, e 14% querem mais aulas com uso de vídeos, músicas e fotos, e 6% dos entrevistados querem que o professor aprofunde nos conteúdos da Geografia, ter mais aulas por semana, e o restante dos entrevistados 3% responderam ser necessário o livro didático para o EJA, mais 3% responderam que querem espaço para os alunos participarem das aulas.

Palavras-chaves: geografia, educação, EJA.

GEOGRAPHY IN THE YOUNG EDUCATION AND ADULT: STUDY OF CASE IN A STATE SCHOOL OF CATALÃO - GO

ABSTRACT

This article is about a research carried through during of the Supervised Curricular Period of training in disciplines of Practical Didactics and of Teaching of Geography and elucidates which the reasons had taken the students to stop and to return their studies. Search still, to stand out the importance of Geography in the Young Education and Adult - YEA, as well as, to show the form as the students arrives at the school and the understanding that brings on disciplines, as well as practical in this modality of education, observing if this befit with the real aspirations of these students. The results point that of the total, 20% of the students are satisfied with the lesson who receive, on the other hand 36% had affirmed that they want practical lessons/field, and 14% want more lessons with use of videos, musics and photos, and 6% of the interviewed ones want that the teacher goes deep the contents of Geography, to have more lessons per week, and the remain of interviewed 3% had answered to be necessary the didactic book for the YEA, 3% had more answered that the pupils want space to participate of the lessons.

Keywords: geography, education, YEA.

INTRODUÇÃO

A educação brasileira possui no seu bojo uma série de fatos que contribuíram para seu atual quadro, em que há a necessidade de um modelo de ensino diferenciado para Jovens e Adultos as denominadas Educação de Jovens e Adultos EJAs. Esta forma de educação tem o importante papel de minimizar a defasagem na qual se encontra esses brasileiros que não tiveram a oportunidade igual para frequentar as salas do ensino regular.

A Educação de Jovens e Adultos - EJA, é uma forma de resgate ao direito de acesso à educação escolar e que segundo proposta em discussão de Políticas Públicas para a Educação Profissional e Tecnológica do Ministério da Educação - MEC (2004) permanecia dissociada da educação profissional e tecnológica e da educação básica até entrar em vigor o Decreto nº. 5.478, de 24/06/2005 que instituiu o denominado inicialmente como Programa de Integração da Educação Profissional ao Ensino Médio na Modalidade Educação de Jovens e Adultos - PROEJA.

Com a promulgação do Decreto nº 5.840, de 13 de julho de 2006, o PROEJA foi alterado com a revogação do Decreto nº 5.478/2005, que trouxe diversas mudanças para o programa, entre elas a ampliação, no que concerne ao nível de ensino, pela inclusão do ensino fundamental.

O PROEJA tornou uma opção para minimizar a defasagem escolar, daqueles que de alguma forma não tiveram oportunidade igual para estudar. Torna imprescindível a inserção das políticas governamentais atuais, contemplando as EJAS pelo FUNDEB (Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação), essa medida serve como incentivo para um dos desafios nas EJAS que é manter jovens e adultos nas escolas, nas quais o número de evasão, nesta modalidade é expressiva.

Desta forma, o público da EJA em alguns casos mostra que o interesse dos alunos vem ao encontro do diploma e da formatura, não buscando interesse pelo conhecimento, e sim por conhecer a sua eficácia em redução de carga horária. Vale ressaltar que uma parte significativa dos educandos das EJAS frequentou o curso em anos anteriores. Dados publicados pelo IBGE (2007) apontaram que 10,9 milhões de pessoas com idade de 15 anos ou mais, dentre os quais oito milhões passaram pela EJA antes do ano de 2007. Esses números nos chamaram atenção e por isso procuramos entender os anos anteriores e que nos levou a verificar como se dá a evasão na escola Estadual Maria das Dores Campos, entre outras questões.

Este artigo refere-se à pesquisa empírica realizada durante o Estágio Curricular Supervisionado na disciplina de Didática e Prática do Ensino de Geografia da Universidade Federal de Goiás - Campus Catalão. As atividades foram desenvolvidas nas turmas de EJA do estágio no Colégio Estadual Maria das Dores Campos - Catalão - Goiás no ano de 2008.

Verificamos através da aplicação de um questionário quais os motivos levaram os educandos a pararem e retornarem aos estudos, bem como a metodologia utilizada nesta modalidade de ensino, observando se esta condiz com as reais aspirações destes estudantes. Busca ainda, ressaltar a importância da Geografia na EJA e a aplicabilidade desta disciplina no contexto diário destes educandos para melhor compreensão do mundo.

As leituras feitas no primeiro semestre do curso foram fundamentais tanto para escolha do tema quanto para fundamentação teórica desta pesquisa. Foi elaborado um questionário que se utilizou parcialmente a proposta de Loraine Albring (2006) e depois de aplicado o questionário aos alunos, os dados de campo foram compilados e aferidos para análise dos resultados.

REFERENCIAL TEÓRICO

A universalização do ensino público, busca de certa forma manter ações e ideais capitalistas. Desde a sua gênese a escola tornou instrumento e reprodutora dos interesses daqueles que dominam o Estado.

Antes de surgir os estudos geográficos nas universidades européias, até fim do século XIX a Geografia era vista como saber político, a serviço do Estado para expansão e operações militares, assim o ensino da geografia como disciplina escolar estava ligado nesta época às classes burguesas.

No Brasil, a partir da década 1930 e início de 1940 as políticas educacionais foram voltadas para capacitar mão-de-obra para as indústrias instaladas no país e para o comércio em segundo momento. (ROMANELLEI, 1978).

Em 1942 foram criadas Leis que garantiam o ensino técnico-profissional, criados o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) e do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC), atendendo exigências da sociedade dada à carência de profissionais formados. Somente a partir da Constituição de 1988 que foi instituído o direito de acesso ao ensino fundamental e médio gratuito mantido pelo Estado.

No Brasil, de acordo com Andrade (1987), os estudos geográficos se caracterizaram após a revolução da década de 1930, no período oligárquico – houve a necessidade de se institucionalizar o ensino de Geografia em nível superior, com a criação de universidades e a criação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, este órgão teve importante papel na produção de pesquisas geográficas que contribuíram várias universidades.

Até meados de 1950 a Geografia esteve permeada de tendências lablachianas da chamada Geografia Tradicional. A Geografia Quantitativa teve seu período áureo no final 1960 e início de 1970. E com o movimento de renovação de 1970 a Geografia consolidou-se nos meios acadêmicos brasileiros, com a denominada Geografia Crítica com a inserção do materialismo dialético de Marx que se fortaleceu em frente às novas problemáticas postas a Geografia. (ANDRADE, 1987).

A partir daí, diversas mudanças foram acontecendo. Para Valverde (1983, p.15) “floresceu a chamada “Geografia dialética”, cujos adeptos procuram aplicar e divulgar, na Geografia, os autores clássicos e modernos do socialismo científico: MARX. ENGELS, juntamente com GRAMSCI, ALTHUSSER e HARVEY.” Ainda nessa análise das mudanças, Silva (1984) aponta que o ano de 1978 foi histórico para Geografia:

[...] irrupção do debate intelectual para além dos muros das Academias e Institutos, através do livro de MILTON SANTOS, “POR UMA GEOGRAFIA NOVA” [...] O Encontro da AGB em Fortaleza - CE [...] Em meio ao grande número de trabalhos ainda comprometidos com uma epistemologia pré- crise, apareceram, no entanto, quatro textos denunciadores publicamente do advento de uma nova realidade para Geografia: David Harvey; Armando Côrrea da Silva ; Carlos Walter Porto; Roberto Lobato Côrrea e de Armén Mamigonian.” (SILVA, 1983-84, p.76-78, grifo nosso).

Na análise realizada por Valverde sobre a renovação geográfica no Brasil 1976/1983 que aponta “A situação do discurso crítico radical é, então, a de uma frente ideológica polarizada pelas categorias do materialismo histórico e dialético” (VALVERDE, 1983-1984, p.133). Entre as contribuições destacamos Moreira (1987) que cita que a “Geografia do Professor” é a prática social de uma ciência, por sinal o único momento amplo de prática social da Geografia, também não temos o direito de à irresponsabilidade epistemológica”. O referido autor ainda faz dura crítica aos livros didáticos com conteúdos organizados sem a ligação Natureza, Homem, Economia -N-H-E, (Moreira (1987, p. 105) com isso não instrumentalizando os alunos para uma visão de mundo contextualizada. Ressaltados os trabalhos importantes de Vlach; Vesentini (2008), Vesentini (2005).

Acreditamos que essa prática social da geografia é de muito valor para o estudante trabalhador, pois, no Brasil, constatações acerca do público predominante das EJAs que são jovens e adultos das classes popular são alunos trabalhadores, e que a maioria destes alunos pararam de estudar por mais de cinco anos, e que esses carregam toda uma história de vida que deve ser considerada no processo de ensino-aprendizagem, pois o aluno participa da construção de seu espaço. Sobre a historicidade do aluno e a importância para compreensão de Geografia, Resende (1989), destaca relação conteúdo-método que para o entendimento da constituição do todo, é necessário considerar seu espaço de vida, para que ele entenda que também faz parte e que é agente transformador, em um espaço em que a história da sociedade se reproduz.

Cavalcanti (2001) enfatiza que a relação da Geografia e a Geografia como matéria de ensino é complexa e formam uma unidade, mas são diferentes. Como Ciência é construída de teorias, conceitos e métodos; como matéria de ensino de Geografia refere-se a um conjunto de saberes dessa ciência, e de outra como Astronomia, Economia, Geologia, selecionados e convertidos para os conteúdos escolares necessários a educação. A autora ainda destaca que por causa dessa diferença a seleção dos conteúdos não devem ser somente lógico-formais, também devem ser pedagógicos, epistemológicos, psicocognitivos e didáticos.

Entende-se que o contexto esboçado por Cavalcanti (2001), ressalta a necessidade de se organizar os conteúdos para que se tenha uma unidade teoria-prática tanto das teorias e conceitos de Geografia e que, sejam contemplados de teoria-prática da didática, deve ainda considerar a vivência do aluno para que ele possa fazer auto-reflexão. As ações didáticas também são pontuadas citadas autora que partem do princípio que a construção do conhecimento se inicia no plano sensorial e depois o plano racional conforme se segue:

Propiciar atividade mental e física dos alunos; Considerar a vivência dos alunos como dimensão do conhecimento; Estabelecer situações de interação e cooperação entre alunos; Contar com a intervenção do professor no processo de aprendizagem dos alunos; Apresentar informações, conceitos e exercitar memorização de dados; Manter relação dialógica com alunos e entre os alunos; Promover auto-reflexão e socioreflexão dos alunos; Acompanhar e controlar resultados da construção de conhecimentos pelos alunos. (CAVALCANTI, 2001, p. 145-164)

Assim, para que o processo de interação e os objetivos de conteúdo-método e para que obtenhamos sucesso no processo aprendizagem do aluno, passamos primeiramente por atitudes, que considera o caráter subjetivo dos alunos na construção do conhecimento, sua cultura, vivências através auto-reflexão, partindo de ações didáticas no plano sensorial e racional conforme proposta de Cavalcante (2001). Dessa forma estaremos contribuindo para uma melhor formação dos estudantes.

A EXPERIÊNCIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

História da Escola

O Colégio Estadual Maria das Dores Campos está situado na cidade de Catalão - GO. Sua criação está relacionada com a transferência da infra-estrutura da denominada "Creche Escola Raio de Sol", escola conveniada com o Estado de Goiás, que se localizava no centro da cidade de Catalão. A creche atendia em sua maioria aos filhos de funcionários da extinta empresa Goiasfertil, que foi privatizada e comprada pelo Grupo Ultrafertil que compõe o Grupo Fosfertil que continua explorar fosfato nessa região. No final de 1993 o convênio foi firmado definitivamente entre a creche e a Secretaria Estadual de Educação de Goiás, para que fosse construída uma nova sede para a escola inclusive já disponibilizando alguns professores estaduais.

Na mesma época teve início nesse bairro, a construção de um conjunto habitacional viabilizando o projeto da unidade que foi construída recebendo o nome de Colégio Estadual Maria das Dores Campos, sendo assim transferidos alunos, professores e de funcionários, em março de 1994. Desde sua criação em 1994 o Colégio Estadual Maria das Dores Campos, vem aumentando o número de alunos dado ao crescimento do bairro. Em 2006 o espaço físico da escola foi ampliado com 4 salas. Passaram mais dois anos e o espaço físico da escola ainda não atende a demanda, pois a escola não possui quadra própria para atividades esportivas, não possui espaço para sala de informática e o espaço destinado à biblioteca e sala de leitura ainda não é adequado. Em se tratando do funcionamento da escola, a maioria dos alunos que o colégio recebe são do próprio bairro. No período vespertino recebe alunos da zona rural, no período noturno os alunos são jovens e adultos na sua maioria trabalhadores e segundo o Projeto Político Pedagógico da Escola (2008) o número de evasão no período noturno é grande conforme veremos a seguir.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O contexto em que vivem jovens e adultos que freqüentam as salas Educação de Jovens e Adultos - EJAs mostram que são em sua maioria da classe popular e que não tiveram oportunidades iguais

para freqüentar as salas do ensino regular, pois estes indivíduos sociais enfrentam várias dificuldades na família, trabalho ou ambos, obrigando-os a priorizar na sua na maioria a questão econômica, abandonando os estudos.

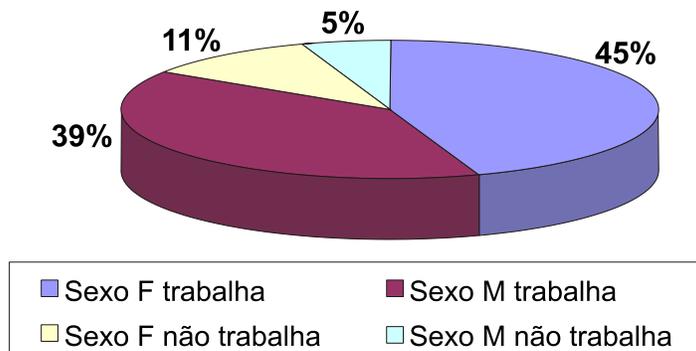
Na pesquisa (ver modelo em anexo) contemplou perguntas objetivas, subjetivas, e foi aplicado no questionário, nas turmas do período noturno nas séries 1º, 2º, 3º A-B e 4º ano EJA, num total de 55 educandos. Desse quantitativo 17% estão entre 20-24 anos de idade, 23% tem entre 30-34 anos, 53% são do sexo feminino e 47% do sexo masculino. Vejamos a tabela que se segue:

Tabela 1
Distribuição dos estudantes por ano, por sexo e grupos de idade - 2008

anos	F	M	%	total
15 a 19	3	3	11%	6
20 a 24	2	8	17%	10
25 a 29	2	5	13%	7
30 a 34	11	2	23%	13
35 a 39	5	3	15%	8
40 a 44	3	3	11%	6
45 a 49	1	1	4%	2
50 a 54	1	-	2%	1
55 a 59	-	1	2%	1
Ignorada	1	-	2%	1
Total	29 / 53%	26 / 47%	100%	55

Fonte: Pesquisa de Campo, 2008.

Fazendo uma comparação no que se refere à análise por sexo, do total daqueles que freqüentavam anteriormente a EJA a nível nacional, os dados do IBGE (2007) mostram que 53% eram mulheres e 47%, homens. A participação das pessoas que frequentavam anteriormente algum curso de Educação de Jovens e Adultos tinham o grupo etário de 30 a 39 anos (10,7%) e foi o que mais procurou cursos de EJA, seguido pelos grupos de 40 a 49 anos (8,6%), de 18 ou 19 anos (7,5%) e de 50 anos ou mais (4,6%). No caso de nossa pesquisa, preocupamos em saber a situação do emprego de cada estudante pois, a partir daí, poderíamos entender quais os motivos que o levaria a não frequentar os estudos. No gráfico a seguir perguntamos aos estudantes se eles trabalhavam e ou não.

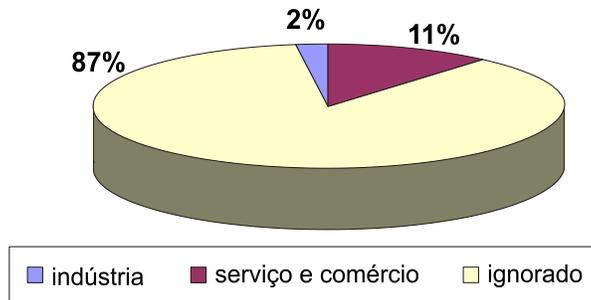


Fonte: Pesquisa de Campo, 2008.

Figura 1: Estudantes, por sexo que trabalham e não trabalham

Foi perguntado se o estudante trabalha e em que ramo e atividade: entre os que trabalham constatamos que 45% são do sexo feminino e 39% do sexo masculino. De todo quantitativo de homens e mulheres, somente 16% não trabalha, (figura 1). Podemos observar nesse caso, que o quantitativo de mulheres no mercado de trabalho superam os homens em 6%.

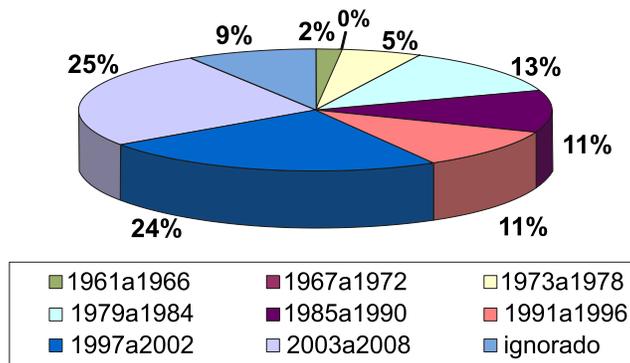
Como podemos verificar o ramo de atividade que prevalece dos alunos da EJA que trabalham é de serviço e comércio com 87%, e na indústria constatamos que são 11%, ignorado 2%. Figura 2.



Fonte: Pesquisa de Campo, 2008.

Figura 2: Estudantes, por sexo e ramo de atividade

Como todos os brasileiros, o público das EJA, possuem objetivos e aspirações que de forma generalizada podemos dizer que buscam crescimento imediato, que por vários motivos lhes fora negada a oportunidade, daí decorre a angústia de se conseguir mais rápida qualidade de vida para si e para a sua família. Cada estudante teve uma época que foi obrigado a parar seus estudos. A figura que segue nos mostra as épocas:

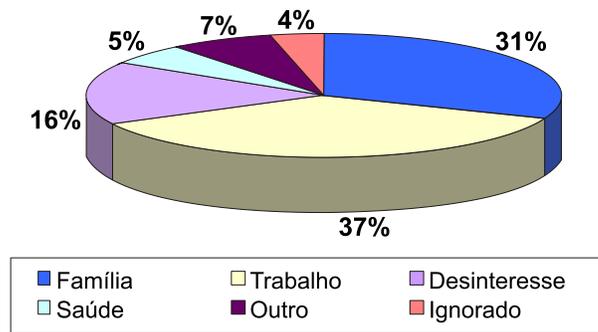


Fonte: Pesquisa de Campo, 2008.

Figura 3: Período que pararam de estudar

Os resultados mostram que 25% pararam de estudar entre 2003-2008, 24% parou entre 1997-2002, 13% pararam entre 1979-1984 e encontramos dados menores que informam que nos anos de 1985-90 11% também pararam, seguindo de dados ainda de menor expressão. (figura 3). Isso nos demonstra os problemas que vivem a população brasileira, pois na busca por empregos e as próprias condições do serviço fizeram com que parassem seus estudos conforme veremos a seguir.

Como preocupação de nossa pesquisa, queríamos saber as causas que levaram estes estudantes a pararem seus estudos e encontramos no total pesquisado 37% afirmaram ter parado por causa do trabalho, 31% por causa da família, 16% por desinteresse pela escola e ainda vemos que 5% pararam por questão de saúde, outros motivos 7% e motivo ignorado 4% (figura 4). Neste caso observamos que os jovens e adultos no Brasil são obrigados a integrarem ao mercado de trabalho muito cedo e isso prejudica a sua carreira escolar. A figura a seguir mostra quanto é preocupante os números encontrados.



Fonte: Pesquisa de Campo, 2008.

Figura 4: Motivo que os levou a parar de estudar

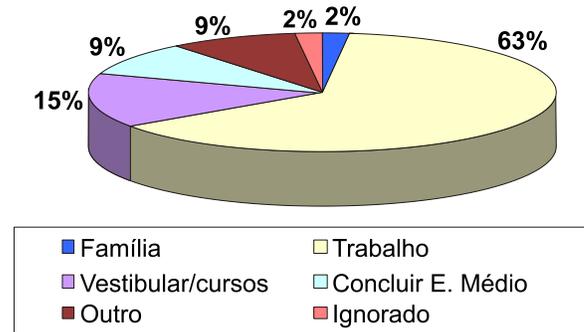
Em se tratando do Brasil, um levantamento do IBGE (2007), apontou que 42,7% não concluíram o curso EJA em que se matricularam. Para a maioria dos entrevistados o motivo para o abandono do curso foi incompatibilidade do horário das aulas com o horário de trabalho ou de procurar trabalho (27,9%), seguido pela falta de interesse em fazer o curso (15,6%). Outros motivos que levaram à desistência dos estudos foi incompatibilidade do horário das aulas com os afazeres domésticos (13,6%), a dificuldade de acompanhar o curso (13,6%), a inexistência de curso próximo à residência (5,5%), a inexistência de curso próximo ao local de trabalho (1,1%), falta de vaga (0,7%) e outro motivo (22,0%).

Voltando para nosso local de pesquisa os dados que mais se destacou foi que para a maioria dos entrevistados o motivo para o abandono do curso foi incompatibilidade do horário das aulas com o horário de trabalho ou de procurar trabalho (37%), o problema relacionado com a família aparece com 31%, seguido pela falta de interesse em fazer o curso (16%). (Figura 4) Um dado muito importante também foi encontrado em nossa pesquisa, pois deparamos com uma parcela significativa de jovens e adultos que manifestaram a sua vontade de retornar aos seus estudos e os motivos que os fizeram procurar a escola conforme veremos a seguir.

O retorno aos estudos aparece com 63% relacionados com a questão do trabalho, isso demonstra que numa primeira análise, os jovens e adultos encontraram exigências para conseguir emprego e até mesmo as necessidades de atualizarem.

Sem um conhecimento maior de estudos torna-se difícil o trabalhador encontrar uma vaga de emprego, pois o mercado está exigindo maior qualificação pessoal. Outro fato importante é a influencia dos vestibulares e cursos que motivaram 15% a retornarem seus estudos. Os dados mostram também que 9% retornaram para concluir o ensino médio. (figura 5).

Se compararmos as figuras (4 e 5) veremos que o motivo que levou os entrevistados a parar de estudar 37% com o motivo que levou a voltarem de estudar 63%, percebemos ai a contradição do capital que em primeiro momento exigia do trabalhador rapidez "sensório-motor", com as mudanças nas relações de trabalho em contexto neoliberal e globalizado espera-se um operador qualificado capaz de desenvolver várias funções, daí a necessidade de retorno à escola.



Fonte: Pesquisa de Campo, 2008.

Figura 5: Motivo que os levou a voltar de estudar

O modelo de educação escolar brasileiro é constituído, desde sua gênese pela exclusão das camadas menos favorecidas economicamente. As políticas atuais para o acesso a educação pregam a universalização, mas este acesso se dá à revelia, favorecendo a elitização do saber. Para a camada economicamente favorecida proporciona-se um saber elaborado, já para os menos favorecidos, um saber estagnado.

No Brasil, analfabetos e semi-analfabetos formam um contingente de excluídos, pois a educação esta ligada a qualidade de vida para estes homens e mulheres. Esta estagnação de escolaridade gera problemas sociais e econômicos que compromete o crescimento social e o desenvolvimento do país num todo. Além da fome, o desemprego, deterioração dos valores humanitários, espera-se que a educação de qualidade seja uma fonte de mudança para um contexto tão conturbador que atinge uma grande parcela da população brasileira que infelizmente vive essa realidade, e que pessoas de diversos níveis e segmentos da sociedade buscam escolarizar-se e incluir-se no mundo monopolista.

Ressaltamos que os educandos da EJA estão dentro deste contexto acima exposto e que possuem objetivos e aspirações diferenciadas dos freqüentadores da Educação Regular, por que buscam crescimento imediato, visando incluir no modelo de trabalhador “polivalente” e qualificado em que o mercado de trabalho exige. Desta forma, recuperando o tempo em que não esteve na escola.

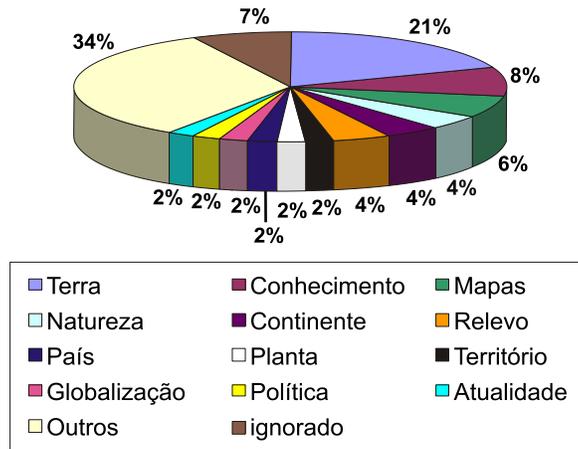
Para contrapor, esta conjuntura a Geografia, possui conceitos e teorias para dar suporte a uma visão de mundo ao educando possibilitando uma melhor compreensão e, em conseqüência, maior adaptação ao novo, da dinâmica que sofrem no espaço “local ao global” e que num pequeno espaço de tempo sofre mudanças, exigindo uma releitura. Contudo, na maioria das vezes o estudante de Geografia, nas EJAs ainda possui a idéia de como era uma disciplina de Geografia tradicional descritiva e não correlacionando a teoria com a prática.

Sobre o estudante das EJAs Loraine Albring (2006, p. 8) aponta que:

Entretanto, na maioria das vezes o estudante não tem esta visão da Geografia, já que no passado, quando freqüentava os bancos escolares, era uma disciplina escolar apenas de descrição, conceitualização e memorização, não correlacionando a teoria com a prática - embora hoje isto também ocorra em alguns estabelecimentos de ensino. Sem este elo teórico-prático, o aluno não vê aplicabilidade para esta disciplina em sua vida e assim, seu interesse também não é dos maiores (ALBRING 2006, p. 8).

Podemos concordar com a autora acima citada que é o que se pôde constatar na questão, quando perguntados quais palavras lembram a disciplina de Geografia. Dentre as mais citadas estão elementos naturais e cartográficos.

Vejamos a figura que segue:



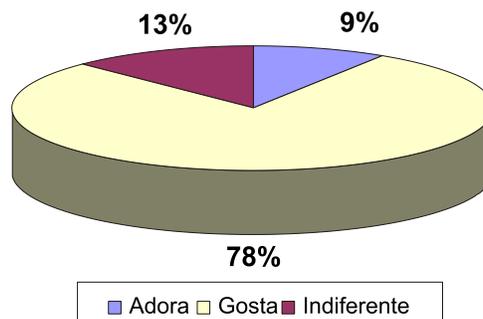
Fonte: Pesquisa de Campo, 2008.

Figura 6: Palavras que lembram a disciplina de Geografia

Embora esta pesquisa também mostre que os educandos ainda possuem uma visão física e estática da geografia, podemos observar que a palavra mais citada pelos estudantes foi Terra, com 21% do total, seguida por Conhecimento 8%. Na ordem decrescente aparecem às palavras Mapa com 6%, as palavras Continente, Natureza e Relevo com 4% cada. E as palavras mencionadas Território, País, Planta, Globalização, Política e Atualidade com 2% cada. Outras palavras com porcentagens menores apareceram com 34% e 7% ignoram o item questionado.

Os dados apresentam uma maior presença dos aspectos físicos da geografia, o que remete a uma visão tradicional. Esta característica é preocupante, já que a geografia, em especial da EJA, tem o papel de orientar os educandos para a leitura do mundo de forma crítica, coerente e que sejam capazes analisar os caminhos possíveis para o futuro.

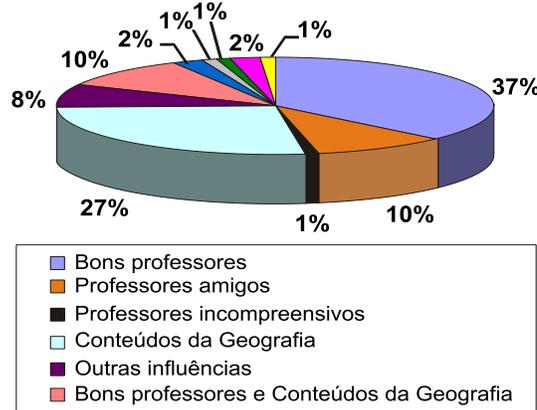
Embora a ciência geográfica tenha um papel muito importante para a sociedade, nós, professores, ainda temos que trabalharmos muito para que o estudante se certifique do valor dessa ciência, pois conforme vemos na figura a seguir que 78% mostraram indiferentes com a disciplina, talvez por que não possuam a clareza do poder e utilidade desta disciplina em seu cotidiano, por outro lado, 13% informaram gostar e 9% diz que adora a geografia. Vejamos a figura 7.



Fonte: Pesquisa de Campo, 2008.

Figura 7: O que diz em relação à matéria de Geografia

Entendemos que são muitos motivos que levam os estudantes a gostarem das disciplinas que estudam e os profissionais da educação quando bem preparados para a profissão e dando aulas criativas, participativas e motivadoras, com certeza motivarão os jovens e adultos a terem mais interesses por aquilo que estudam e nesse caso a aula de geografia quando bem ministrada, o professor colhe bons resultados conforme veremos na figura abaixo:

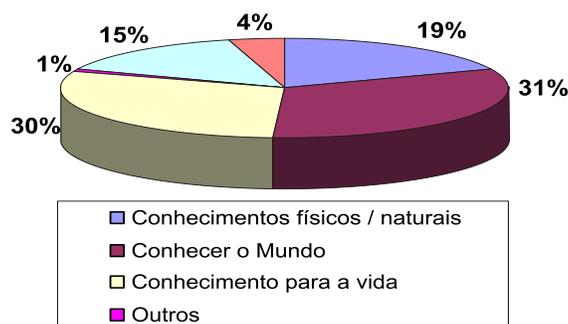


Fonte: Pesquisa de Campo, 2008.

Figura 8: Motivos pelos quais foi influenciado

Conforme podemos verificar na figura 8, os dados permitem constatar que 37% dos entrevistados gostam de geografia por ter tido bons professores. Encontramos que 27% dos alunos foram influenciados pelo conteúdo da geografia, 10% por profissionais foram reconhecidos como amigos. O item outras influencias aparece com 8%. Foi solicitado para responder se foi influência por mais de um item e a maioria com 10% responderam bons professores e conteúdo da geografia.

Se compararmos os resultados obtidos por Albring (2006) que também perguntou em duas escolas de EJAs particulares “Com relação à matéria de Geografia você pode dizer que” (26% indiferente) e “Quais motivos você foi influenciado?”, (41% professores amigos) e (3% por professores incompreensivos), “Qual é a utilidade da Geografia para você?” (5% responderam conhecimento para vida), podemos afirmar que os resultados obtidos por esta pesquisa na escola pública Maria das Dores Campos em Catalão foram mais satisfatórios conforme dados nas (figuras 8 e 9) onde uma parcela dos entrevistados consegue ver esta aplicabilidade da geografia para o dia-a-dia. Para verificar qual é a importância que os alunos dão à disciplina de geografia, buscamos descobrir qual a utilidade da mesma perguntado o seguinte:



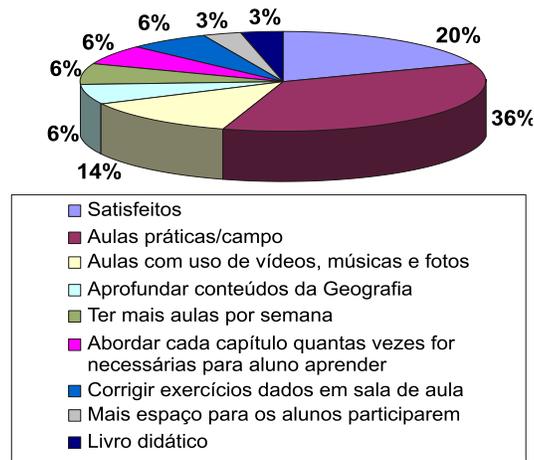
Fonte: Pesquisa de Campo, 2008.

Figura 9: A utilidade da Geografia

Encontramos dados importantes que podemos destacar na figura 9, onde 31% dos estudantes responderam que a utilidade da geografia será para conhecer o mundo e 30% informaram ser a geografia de importância para o conhecimento para a vida. Nesse caso poderíamos somar e afirmar que 61% dos estudantes têm a geografia como uma disciplina de muito valor para a vida.

Sendo a geografia uma ciência que tem como objetivo estudar a sociedade, esse foi um dos questionamentos que julgamos de muita utilidade nesse trabalho pois a geografia continua ser de muito valor na escola, pois os estudantes demonstraram que através dessa disciplina podem tirar conhecimentos diversos e também que ela é importante no seu cotidiano pois lhe oferece subsídios para melhor conhecer a sociedade e o mundo. Por fim, reafirmamos que no processo de ensino-aprendizagem, o conhecimento prévio do aluno e suas vivências devem ser considerados, para se obter melhores resultados. Neste sentido buscamos encontrar resposta de práticas que poderiam ser tomadas para tornar as aulas de geografia ainda melhores, nesse caso, questionamos os alunos o que eles poderiam sugerir caso não satisfeito com as aulas.

Na figura 10 encontraremos as respostas interessantes e que muito nos ajudarão a mudar nossas práticas possibilitando assim, uma melhor aula de geografia e possibilitando uma melhor formação de nossos estudantes. Vejamos a figura que se segue:



Fonte: Pesquisa de Campo, 2008.

Figura 10: Práticas sugeridas pelos alunos para tornar as aulas melhores

Analisando os dados da figura 10 podemos perceber que do total, 20% dos estudantes estão satisfeitos com a aula que recebem, em contrapartida 36% afirmaram que querem aulas práticas/campo, e 14% querem mais aulas com uso de vídeos, músicas e fotos, e 6% dos entrevistados querem que o professor aprofunde nos conteúdos da geografia, corrija exercícios dados em sala de aula, trabalhar cada capítulo quantas vezes for necessárias para o aluno aprender, ter mais aulas por semana, e o restante dos entrevistados 3% responderam ser necessário o livro didático para o EJA, mais 3% responderam que querem espaço para os alunos participarem das aulas.

Se somados cinco dos motivos acima citados: aprofundar conteúdos da geografia, abordar os capítulos novamente, corrigir exercícios, mais participação do estudante e mais aulas semanais veremos que a pouca carga horária que a disciplina tem por semana, para cumprir o programa da disciplina temos 25% do todas as sugestões. A insuficiência da carga horária é queixa muito citada por especialista na educação até mesmo do ensino regular.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo dessa pesquisa constatamos que a prática na sala de aula nos mostra um pouco da

realidade atual nas escolas públicas. Em parte da vivência no estágio foi novo, já que o estágio ocorreu no Ensino Médio para Educação de Jovens e Adultos - EJA.

Partimos da compreensão de que é necessário envolvimento e paixão das pessoas relacionadas com o ensino destes alunos, pois o conteúdo tem que ser trabalhado de forma acelerada e ainda possibilitar maiores chances de sucesso do aluno na integração, cooperação em sociedade.

O primeiro contato no ambiente escolar como professor-aluno, houve um grande esforço para a execução das atividades do estágio que ocorreu de forma cautelosa, obedecendo às propostas e requisitos abordados nas aulas ministradas no estágio.

No período de pré-regência e regência foi importante para conhecer um pouco dos alunos e para verificarmos como professor colaborador conduz sua aula e como é sua relação com os alunos e a organização da escola também para realizar esta pesquisa.

Pode se afirmar, que a relação professor-aluno é frágil, ainda tem que ser melhorada principalmente quanto ao "respeito" com o regente da classe. É necessário que ocorra troca de experiências para que se efetive ensino-aprendizagem. Mas ressaltamos que, é sempre esperado que o professor tenha uma boa relação com seus alunos para que haja um nível disciplina aceitável e se efetive ensino-aprendizagem.

Os dados compilados na pesquisa permitiram verificar os motivos que levaram os educandos a pararem seus estudos. Entre as mulheres a família foi a causa de maior percentual do abandono dos estudos, e entre os homens o trabalho aparece como causa maior. E os motivos que levaram ambos os sexos a retornarem os estudos foi por causa do trabalho.

A pesquisa também mostrou que a visão da geografia tradicional ainda perdura entre os alunos. Torna-se ainda necessário, que o professor enfatize a geografia como uma disciplina "transformadora" que aborda conceitos de geografia e que possibilite uma visão de mundo emancipadora.

Assim, destacamos que, há desinteresse por parte de alguns educandos causados por motivos diversos e que deixam de freqüentar a sala de aula. Entretanto, outros gostam da matéria de geografia e do total que opinaram dando alguma sugestão para melhorar a aula de geografia, encontramos uma soma que chega a 80% apontando alguma sugestão para melhorar a aula, e 20% dos alunos estão satisfeitos com as aulas de seus professores. Esse fato deve ser levado em conta uma vez que infelizmente a escola pública não oferece condições ideais de trabalho, assim como, os materiais didáticos e de laboratórios para contemplar as expectativas dos estudantes.

Finalizando, estas ações não são fáceis de serem aplicadas no contexto atual em que vive a educação, as dificuldades são várias: a insuficiência de carga horária para o cumprimento do programa da disciplina; falta de estímulo aos professores tanto com melhores salários quanto em condições de trabalho; o desinteresse dos alunos; equivalência na relação número de alunos número por professor. Mas é necessário que as EJAs tenham qualidade, para emancipar indivíduos e para que haja mudanças em nossa sociedade tão desigual em nosso país.

REFERÊNCIAS

ALBRING, L. O ensino da Geografia na educação de jovens e adultos: por uma prática diferenciada e interdisciplinar. Disponível em: <http://www.cereja.org.br/arquivos_upload/loraine_ALBRING_ensino_geografia.pdf> Cereja, publicado 13/12/2006, Acesso em: 10 dez. 2008.

ANDRADE, M. C. **Geografia ciência da sociedade: uma introdução à análise do pensamento geográfico**. São Paulo: Atlas, 1987.

ANDRÉ, M. E. D. A. de; OLIVEIRA, M. R. N. S. (orgs.). **Alternativas do ensino de didática**. Campinas: Papirus, 1997. p. 143.

BRASIL. MEC. **Políticas Públicas para a Educação Profissional e Tecnológica**. Proposta em discussão. Brasília: MEC, abril de 2004.

BRASIL. MEC. PROEJA - Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos. "Educação Profissional Técnica de Nível Médio / Ensino Médio". **Documento-base**. Brasília: MEC, agosto de 2007.

CAVALCANTI, L. S. **Geografia, escola e construção de conhecimento**. 3 ed. Campinas, SP: Papirus, 2001. p. 192. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico)

IBGE. **PNAD - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2007** - Rio de Janeiro: IBGE.

MOREIRA, R. Discurso do avesso: para a crítica da Geografia que se ensina. In_____. **A Geografia do Brasil que se ensina e o Brasil da Geografia que ensina**. 1 ed. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1987. p. 103-143.

RESENDE, M. S. A. Geografia do aluno trabalhador. In_____. **Dos problemas gerais ao problema central do ensino de Geografia**. São Paulo: Edições Loyola, 1989. p. 15-21. (Coleção Educação Popular).

_____. Geografia do aluno trabalhador. In_____. **Espaço geográfico**. São Paulo: Edições Loyola, 1989. p. 23-32. (Coleção Educação Popular).

ROMANELLEI, O. O. História da educação no Brasil (1930/1973). In_____. **As leis organização do ensino**. Petrópolis: Vozes, 1978. p. 153-179.

SILVA, A. C. A renovação Geográfica no Brasil - 1976/1983 (as Geografias crítica e radial em uma perspectiva teórica). In.: **Boletim Paulista de Geografia**. São Paulo n. 60 2º Sem.1983-1º Sem. 1984. p. 73-139.

Projeto Político Pedagógico - PPP - Colégio Estadual Maria das Dores Campos. 2008.

VALDERDE, O. Evolução da Geografia brasileira no após-guerra (Carta aberta de Orlando e Orlando). In.: **Boletim Paulista de Geografia**. São Paulo n. 60 2º Sem.1983-1º Sem. 1984. p. 05-20

VESENTINI, J. W. ; VLACH, V. R. F. . **O espaço brasileiro**.. 1. ed. São Paulo: Ática, 2008. v. 1. 232 p.

VESENTINI, J. W. **Sociedade & Espaço**, Geografia Geral e do Brasil, São Paulo, Editora Ática, 2005, 44a. edição, 472 p.

Anexo

QUESTIONÁRIO

Escola: Colégio Estadual "Maria das Dores Campos"

Professor colaborador: _____ Data: ____/____/____

Aluno: _____

Série: _____ Turno: _____

1 Idade _____ Sexo M F

1 Você trabalha? sim não

1.1 Em que ramo e atividade: _____

2 Em que ano parou de estudar? _____ 2.1 Em que ano retornou _____

3 Quais os motivos levaram a parar de estudar? _____

3.1 Quais os motivos levaram para retornar? _____

4 Que palavras lembram a disciplina de Geografia? _____

5 Com relação a matéria de Geografia você pode dizer que:

adora gosta indiferente

5.1 Quais motivos?

Bons professores Professores amigos Professores incompreensivos Conteúdos da Geografia

Outras influências. Quais? _____

6 Qual é a utilidade da Geografia para você?

Conhecimentos físicos/naturais Conhecer o mundo Conhecimento para a vida

Outros. Quais? _____

7 Que práticas poderiam ser desenvolvidas para tornar as aulas de Geografia ainda melhores?

(Pergunta 7 responda no verso da folha)